

EUA: o que nos irá trazer a nova legislatura?

- As políticas norte-americanas irão centrar-se nas necessidades internas: um novo pacote fiscal e um aumento da despesa em infraestruturas parecem ser as suas principais atuações.
- Em termos de política externa, é de prever um reativar de relações com os organismos multilaterais de cooperação e uma aproximação à Europa, enquanto a disputa com a China continuará.

O candidato democrata, Joe Biden, impôs-se ao republicano Donald Trump nas passadas eleições presidenciais norte-americanas. Além disso, o Congresso parece que continuará dividido, com a Câmara dos Representantes em mãos democratas e o Senado em mãos republicanas¹. Neste contexto político e com a crise da COVID-19 muito presente, o que podemos esperar da política interna e externa norte-americana em 2021?

Política interna: pacote fiscal, infraestruturas verdes, aumento de impostos?

Com uma economia ainda gravemente afetada pela crise económica resultante da pandemia, a política interna será o foco das atenções em 2021. Um dos elementos de maior destaque será o novo pacote fiscal na luta contra a COVID-19. Com a evolução atual das negociações, é de esperar que ele seja aprovado nas próximas semanas, com uma dimensão que se poderá situar em cerca de 1,2 biliões de dólares (~6% do PIB). Trata-se de um pacote substancial, cuja contribuição para o crescimento do PIB estimamos que se poderá situar entre 3,0% e 4,0% em

2021², e no qual se destacam medidas como a renovação da ampliação na cobertura por desemprego, novas ajudas às empresas (por exemplo, novos empréstimos ao abrigo do programa de proteção de pagamento de salários) e ajudas diretas aos Estados.

Em segundo lugar, há anos que tanto os democratas como os republicanos falam da necessidade de investir em infraestruturas, mas não conseguiram avançar de forma relevante nesta matéria. Embora um Congresso dividido possa continuar a dificultar o avanço, o contexto atual de pandemia representa uma boa oportunidade para, pelo menos, impulsionar partes do plano de infraestruturas do presidente eleito, especialmente na sua vertente de agenda climática e investimento verde, dado que servirá para revitalizar regiões onde a crise teve repercussões importantes no tecido produtivo.

É possível encontrar um exemplo desta situação em Estados altamente vinculados ao petróleo e ao gás. Nos últimos meses, a indústria do petróleo e do gás perdeu mais de 100.000 postos de trabalho (o que representa 15% da

Políticas de Biden



Joe Biden
Presidente eleito
dos EUA.



Senado:
Maioria republicana provável (mas não definitiva)

Câmara dos Representantes:
Maioria democrata

Política interna

- ▶ Novo estímulo fiscal (cerca de 1,2 biliões de dólares).
- ▶ Plano de infraestruturas e investimento em tecnologia verde.
- ▶ Aumento de impostos (sociedades, lucros de capital...)?

Política externa

- ▶ Reativar de relações com organismos multilaterais (OMS, Acordo de Paris sobre as alterações climáticas...).
- ▶ Aproximação com os aliados europeus.
- ▶ Continuidade no decoupling com a China (embora menos beligerante).

Fonte: BPI Research.

1. O resultado final da composição do Senado ainda não está decidido. A Geórgia tem de atribuir dois senadores (serão decididos numa segunda volta eleitoral a 5 de janeiro) e isto marcará o futuro do Senado.

2. Aplicámos um multiplicador fiscal de 0,58, estimado pelo Congressional Budget Office em referência ao efeito do CARES Act (pacote fiscal aprovado no final de março de 2020 no âmbito da luta contra a COVID-19).

totalidade de pessoas empregadas que detinha no início do ano), sendo que mantém taxas de desemprego acima da média do país (cerca de 14% em comparação com os 6,9% a nível nacional, em outubro). Além disso, a recuperação do emprego no setor está a ser afetada pela perspectiva de preços do petróleo com valores moderados (face a uma procura global castigada pela pandemia). Consequentemente, estas regiões poderão acelerar a sua reativação se beneficiarem de um plano de desenvolvimento de infraestruturas alternativas³.

Finalmente, no seu programa eleitoral, Biden propunha um aumento de impostos para inverter parte do importante corte que a Administração Trump promoveu no final de 2017⁴. No entanto, a curto prazo não parece ser muito provável que o futuro presidente consiga apoios suficientes no Congresso.

Política externa: algumas coisas irão mudar, mas não a posição com a China

Com Biden na Casa Branca, os EUA procurarão estabelecer novamente relações com diversos organismos multilaterais após as desavenças e saídas ocorridas durante a Administração Trump. De facto, Biden prometeu que pedirá a reintegração dos EUA ao Acordo Climático de Paris, no seu primeiro dia de mandato e certamente não demorará muito tempo até que possamos ver os EUA novamente como membro da Organização Mundial da Saúde, da qual se retiraram há poucos meses. Contudo, uma das grandes incógnitas que a presidência de Biden deverá resolver é até que ponto a era Trump marcou um antes e um depois na capacidade dos EUA em liderarem propostas no âmbito da cooperação multilateral.

Com a vitória de Biden também se fala de uma aproximação à Europa. Afinal de contas, as alianças forjadas entre as duas regiões, juntamente com outros países asiáticos, deram lugar à ordem «liberal internacional», que tem protegido interesses e valores comuns durante décadas. Nesta ocasião, a mais que provável aproximação transatlântica terá muito que ver com a necessidade norte-americana de procurar aliados na luta contra a emergência da China, especialmente na área da tecnologia⁵. No entanto, embora as relações comerciais e de investimento entre os EUA e a UE continuem a ser as mais intensas a nível mundial⁶, a Europa poderá deparar-se com condicionantes relevantes, dado que o Velho Continente enfrenta a próxima revolução industrial sem grandes campeões tec-

nológicos e com uma importante dependência da tecnologia chinesa.

O processo de separação (ou *decoupling*) entre os EUA e a China será uma frente de continuidade com a legislatura de Biden. O lema *Buy American* proclamado durante a campanha democrata à presidência é um exemplo disso. Contudo, a maneira de abordar a rivalidade com a China será provavelmente diferente sob o mandato de Biden. Por exemplo, será mais provável que a nova Administração procure a utilização de alianças estratégicas para forçar mudanças na China. Além disso, pode ser que Biden tente abrir novas vias diplomáticas com o gigante asiático na luta contra ameaças claramente globais, como as alterações climáticas.

Definitivamente, em 2021 as políticas norte-americanas irão centrar-se nas necessidades internas, num momento em que a crise da COVID-19 está a afetar gravemente a economia (ou seja, pacote fiscal e despesa em infraestruturas). No que toca à política externa, é de prever um reativar de relações com os organismos multilaterais de cooperação e uma aproximação à Europa, enquanto a disputa com a China continuará (mas sem dúvidas com uma abordagem mais diplomática).

3. Além disso, os Estados altamente vinculados ao setor do petróleo e da mineração costumam ter senadores republicanos.

4. Com a Tax and Jobs Act 2017.

5. Ver o Focus «O conflito tecnológico entre os EUA e a China: um primeiro olhar» na IM11/2020.

6. A UE continua a ser o principal parceiro comercial dos EUA (inclusive sem o Reino Unido), sendo também a região com a qual mantém maiores relações de investimento direto estrangeiro.